

**Olhares sobre os sindicatos brasileiros na contemporaneidade:  
estudo sobre comentários nas postagens da página do *Facebook* do MBL (2013-2018)**

William Marques de Lima<sup>1</sup>

**Orientador:** Dr. Reginaldo Sousa Chaves<sup>2</sup>

**Resumo:** Nosso artigo aborda o papel das redes sociais no campo político brasileiro na segunda década do século XXI através do estudo da atuação do Movimento Brasil Livre. Nos detemos na análise dos comentários deixados por usuários na página do *Facebook* do MBL sobre fim do imposto compulsório sindical em 2017. Analisamos o modo como os seguidores representam esse episódio. Assim, pudemos explorar as controvérsias sobre direita e esquerda na contemporaneidade brasileira. Partimos do debate sobre as categorias direita e esquerda do cientista político Norberto Bobbio. Foi fundamental também a utilização da metodologia da etnografia digital para acessar os significados envolvidos na interação dos internautas com a página do movimento direitista em questão. Nosso recorte temporal compreende o período entre os anos de 2013 e 2018, momento em que o sindicalismo enfrentou maiores obstáculos, pois com o advento da Reforma da Previdência (2017) testemunhamos o final daquilo que seria a base para a “soberania sindical”. As fontes da nossa pesquisa são justamente o material digital (comentários) colhido em nossa busca por etnografar o mundo das redes sociais.

**Palavras-chave:** Sindicato; Movimento Brasil Livre (MBL); Etnografia Digital.

## **Introdução**

O trabalho que segue buscará construir uma compreensão acerca do olhar de usuários das redes sociais – em especial o *Facebook* – sobre o sindicato em meio a emergência da nova direita brasileira no começo do século XXI. Embasamos nossa pesquisa através de elementos conceituais haja vista que nas últimas décadas houve uma busca constante por diminuição da atuação dos sindicatos na ampliação de benefícios para as classes trabalhadoras. Partimos de análises históricas das noções de direita e esquerda. Discutimos como tais conceitos contribuem para moldar a forma de pensamento dos sujeitos e como constroem a imagem dos agentes políticos. Utilizamos como fonte comentários em postagens do Movimento Brasil Livre (MBL), no

---

<sup>1</sup>**Autor do trabalho.** Estudante do VIII Bloco do curso de licenciatura plena em História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Possidônio Queiróz, Oeiras-PI. E-mail: [williamlima@aluno.uespi.br](mailto:williamlima@aluno.uespi.br)

<sup>2</sup>Docente do curso de licenciatura plena em História Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Possidônio Queiróz, Oeiras-PI. E-mail: [reginaldosousa@ors.uespi.br](mailto:reginaldosousa@ors.uespi.br)

*Facebook*.<sup>3</sup> É importante ressaltar que o propósito da pesquisa é a compreensão do olhar de consumidores das redes sociais acerca do sindicato.

A análise dos comentários nas publicações do MBL parte do anseio em compreender as múltiplas visões das pessoas acerca do sindicato. Para tal fazemos uso da metodologia da etnografia digital, campo vasto que pretende perceber a essência das interações mediadas pela internet e dos ambientes digitais, identificando comportamentos, rituais e significados que surgem nessas interações. Ao contrário da etnografia convencional, em que o pesquisador se integra fisicamente a uma comunidade para observar e participar de suas práticas diárias, na etnografia virtual, o foco é o ambiente online, o que apresenta novas particularidades e desafios. A etnografia digital lança olhar também para a dimensão off-line. O ambiente virtual não deve ser considerado como um espaço separado ou diferente da realidade física, mas sim como uma extensão das interações sociais, onde práticas culturais são geradas e reproduzidas (FERRAZ, 2019).

Foi por meio dessa metodologia que chegamos a algumas considerações sobre o ambiente virtual da página do *Facebook* do MBL onde encontramos as manifestações dos usuários sobre os sindicatos. Foi por meio desse mesmo instrumental metodológico que intentamos abordar as conexões entre as ações virtuais e os movimentos de rua do MBL. Utilizamos nossa própria conta no *Facebook* para frequentar os ambientes digitais e flagrar as discussões, contendas e aspirações presentes nas caixas de comentários dos quais colhemos uma pequena amostra para nossa pesquisa. Como destaca Stefanoni (2022, p. 21) os arquivos para estudar as novas direitas “são virtuais” e estão em “livros ou fragmentos de livros armazenados na nuvem, vídeos do *YouTube*, *posts* mais ou menos efêmeros em plataformas como *4chan* ou *Twitter*, artigos em revistas eletrônicas, memes, etc.”

Em nosso trabalho os conceitos de direita e esquerda são essenciais. Compreendê-los se torna fundamental para analisar o significado de uma dicotomia utilizada há mais de dois séculos para classificar campos ideológicos. Segundo Norberto Bobbio (1995), esquerda e direita são vistas mais como “recipientes” de conteúdos

---

<sup>3</sup> A trajetória de seus principais membros é marcada por um forte ativismo político e uma busca por reformas neoliberais no país. Kim Kataguirí (1996-) é um dos rostos mais conhecidos do MBL. Nascido em 1996, em São Paulo, iniciou sua trajetória política quando estudante e se destacou como um dos líderes. Ele foi lançado na política formal, sendo eleito deputado federal em 2018. Renan Santos (1984-) é outro membro, atuante coordenador nacional do movimento. Formado em Direito, Santos começou na política durante a faculdade, onde se uniu a Kataguirí e outros jovens. Fernando Holiday (1999-), é um dos jovens dirigentes do MBL. Tornou-se um dos vereadores mais jovens de São Paulo, eleito em 2016.

variados, sem a firmeza conceitual anterior. As preocupações da direita giram em torno da economia, onde o indivíduo é visto como responsável por suas conquistas. Em contraste, a esquerda prioriza princípios de igualdade e liberdade, considerando a economia um meio para alcançar tais direitos. Ambas buscam promover um sentimento de pertencimento entre seus representados. Bobbio destaca que, em disputas, a identificação com um lado é fundamental: “nós de direita, vocês de esquerda” (Bobbio, p. 11, 1995).

Nosso recorte temporal compreende o período entre os anos de 2013 e 2018. Momento em que o sindicalismo enfrentou maiores obstáculos, pois com o advento da Reforma da Previdência testemunhamos o final daquilo que seria a base para a “soberania sindical”. Com o advento do fim do imposto compulsório sindical em 2017 veio a desestabilização econômica dos sindicatos, haja vista que a principal receita do sindicato ainda é o imposto anual.

Existem vários motivadores de nossa pesquisa. No entanto, o principal deles é construir uma maior compreensão acerca do comportamento e das motivações que levam pessoas comuns a entrarem em conflito umas com as outras para defender determinados indivíduos que muitas vezes são seus desconhecidos. Dessa forma, como foi dito anteriormente, buscou-se compreender os efeitos da atuação das direitas alternativas atuais, na representação que fazem do sindicato. Visamos os olhares da direita, na figura daqueles que acessam a rede mundial de computadores.

Deste modo, este artigo analisa a influência da nova direita na representação dos sindicatos modernos, visando compreender a percepção dos consumidores de redes sócias sobre esta questão. O artigo é composto por três tópicos principais em sua estrutura. O primeiro apresenta um breve histórico do surgimento do MBL e suas características. O segundo empreende a apresentação das ações do MBL nos anos de 2015 e 2016, ocupando as ruas no processo que levou ao golpe desfechado contra a Presidenta Dilma Rousseff. No último, discutimos os achados etnográficos-digitais nas caixas de comentários da página do *Facebook* do MBL em torno das notícias sobre o fim do imposto sindical.

### **2013: Movimento Brasil Livre (MBL) como o *outro* das esquerdas**

Podemos começar remetendo às manifestações das “Jornadas Junho de 2013” como caso de apropriação de ideias e práticas das esquerdas pela direita alternativa emergente. Destacamos que as manifestações foram marcadas pela repressão policial o que desencadeou sentimento de revolta levando às ruas milhares de pessoas. Esses eventos coincidem com o processo internacional de inversão: o progressismo se torna defensor da democracia e da legalidade para garantir parte de suas conquistas e a “imagem histórica da rebeldia, da desobediência e da transgressão” passa a ser reivindicada por uma direita que buscava capitalizar a “indignação social” (Stefanoni, 2022, p. 13).

Deste modo, sobre as “Jornadas Junho de 2013”, podemos afirmar que

Se inicialmente os protestos poderiam ser caracterizados como um movimento da nova esquerda por meio de sua forma de organização horizontal e por consenso, hoje, com o passar do tempo, pode-se dizer que quem melhor colheu seus frutos foi uma nova direita, que por meio dos apelos contra a corrupção e da eficiência do Estado conseguiu formar uma frente única burguesa composta por frações da burguesia e setores da classe média tradicional com interesses específicos, barrar o Estado desenvolvimentista e distributivista do período petista (Silva, p. 02, 2009).

No Brasil, essas manifestações deram uma reviravolta em todo o país, levantando mais questões que respostas. Enquanto o mundo sentia o impacto da crise de 2008, o Brasil passava por um momento de grande estabilidade econômica, maior inclusão social e maiores níveis escolares. Desse modo, o movimento voltou seu olhar para as reivindicações por melhorias nesses setores, pois nesse momento os agentes começaram a mudar de lugar dando origem a nova configuração.

A aspiração por ascensão social começou a tomar proporção além da expectativa. O Estado não conseguindo corresponder a tais expectativas contribuindo para o surgimento de desconfiança em relação ao sistema representativo. Culminando em instabilidade social e abertura para a pluralidade de manifestações dentro da manifestação de 2013. Os protestos miravam a redução da tarifa do transporte coletivo, encabeçada pelo Movimento Passe Livre (MPL), que esteve à frente do movimento desde seu início no dia 06 de junho até o dia 17 daquele mesmo mês. Logo depois, resolveu se afastar ao perceber que o movimento começara a tomar novo rumo e ganhar novas lideranças.

Naquele momento era extremamente perceptível a eclosão de uma nova forma de protesto. A multiplicidade de reivindicações ficava cada vez mais evidente nos vários e diferentes tipos de cartazes. Uma nova direita começava a tomar forma. Antes ir para

as ruas era um movimento genuinamente de esquerda, agora começa também a fazer parte da nova direita que viu a necessidade de se reinventar e incorporar algumas práticas que antes eram somente da esquerda.

Enquanto a esquerda, que até então tinha o monopólio das ruas recuava e as pautas progressistas perdiam o protagonismo, a direita assumia cada vez mais seu papel na trama. O campo da direita passou a se organizar para além da política tradicional, ocupando cada vez mais espaço no debate cultural, político, econômico e social através das redes sociais da internet e das ruas (Silva, p. 08, 2018).

As ruas, as redes sociais e a internet viraram palco de disputa política, sobretudo a internet como meio rápido de compartilhamento de informações. Mais uma vez salientamos os movimentos de 2013 para explicar tal capacidade de disseminação de informação. No entanto, agora vamos abordar o tema a partir de um novo agente influenciador de opinião, que se aproveitou do cenário para se projetar na cena. Trata-se do principal mobilizador que ocupou o lugar do MPL.

Deste modo, temos o advento de novos protagonistas que buscam através de mecanismos já criados, reduzir ainda mais o poder de atuação dos sindicatos. Em novembro de 2014 nasce um grupo de militantes de orientação política voltada para direita, alto-denominado MBL, sigla para o nome Movimento Brasil Livre.

O Movimento Brasil Livre (MBL) assume protagonistas na nova direita e se encarrega de guiar tanto nas ruas, quanto nas redes sociais certos setores sociais insatisfeitos. O MBL que se propôs reorganizar a nova direita quando a esquerda se encontrava fragilizada pelos movimentos de 2013. É a partir do vácuo deixado pela esquerda que o MBL vai se consolidar como frente do movimento da nova Direita, ressignificando símbolos da esquerda e utilizando as ruas e as redes sociais para colocar em ação seu projeto político que buscava radicalizar a pauta do estado mínimo e do livre mercado.

Assim, o MBL nasce a partir do cenário político de 2013. Contudo, só vai se estruturar de forma mais contundente a partir de 2014 através das redes sociais em apoio da candidatura do tucano Aécio Neves à presidência da república. Após a derrota de Aécio Neves nas urnas, o MBL voltou seus olhares para a promoção de vários eventos em todo o país contra a Presidenta eleita Dilma Rousseff, como também o fim da era “Lulopetismo” (MOTTA, 2018). Em dezembro de 2015, através de congresso, construíram um programa político. Ademais utilizam as redes sociais para mobilizarem a população e promover protestos.

## 2015-2016: MBL como paródia neoliberal das mobilizações de esquerda

As manifestações de grandes proporções voltaram a acontecer no ano de 2015. Cabe ressaltar que os protestos só se equiparavam aos de 2013 em números, pois, assim como o perfil dos manifestantes sofreu uma mudança, as pautas também foram alteradas. Onde antes se buscava anulação do aumento das tarifas de transportes públicos, naquele momento se busca a derrubada de um governo legitimamente com o pretexto de pôr fim a corrupção. Demonstrando um perfil político de orientação direitista e neoliberal. Com a mudança de rumo que as manifestações tomaram, MBL ganha força:

O mesmo não pode ser dito nas passeatas ocorridas dois anos depois, cujas principais demandas incluíam o fim da corrupção e a retirada dos governantes, especialmente do Partido dos Trabalhadores (PT), demonstrando assim, a proeminência de manifestantes com perfis ideológicos ligados à direita. Nas manifestações de 2015 o número de adeptos seguiu-se em moldes similares aos protestos de massa anteriores, porém o perfil dos manifestantes, assim como as pautas, sofreu alterações substanciais (Freitas, p. 23, 2018).

Com a saída do MPL das manifestações, o MBL que até então caminhava a sombra do MPL, agora tinha liberdade para colocar em prática seus objetivos. O MBL organizou várias manifestações em pró do “*impeachment*” de Dilma Rousseff, sempre com a justificativa de livrar o país da corrupção petista.

A nova direita radicalizada e sublevada emerge no cenário político social a partir da lacuna deixada pela esquerda em 2013. Assim, apesar de possuir vínculos com partidos liberais e conservadores, começa se utilizar de “armas” que antes eram de esquerda, como, a ocupação das ruas. Trata-se de uma paródia neoliberal das mobilizações de esquerda:

[O MBL] organiza em 2015 uma longa marcha de São Paulo para Brasília, imitando as marchas do MST ou da luta dos negros pelos direitos civis nos EUA, tomando sol e chuva, em demonstração de resistência; acampam no gramado do Congresso, copiando os acampamentos indígenas e de movimentos populares em Brasília; entram triunfalmente na Câmara para entregar o seu pedido de *impeachment*, como lei de iniciativa popular, como a esquerda já fez dezenas de vezes com milhões de assinaturas. (Arantes et alii, 2024, p. 63)

A inversão de lugares entre a direita e a esquerda é um fenômeno social e político que reflete a complexidade das ideologias contemporâneas. Historicamente, a

direita e a esquerda têm representado visões opostas sobre economia, sociedade e governo. A direita geralmente defende valores como a liberdade individual, o livre mercado e a tradição, enquanto a esquerda tende a priorizar a igualdade social, a justiça econômica e a intervenção estatal.

**Imagem 1:** Cartaz do filme do MBL *Não vai ter Golpe* (2019)



<https://www.youtube.com/watch?v=l094cOv02Ek>

Comentando o documentário *Não vai ter Golpe* (2019) do MBL que retrata essa trajetória, alguns pesquisadores (Arantes et alii, 2024, p. 63-64) deram o seguinte retrato do grupo:

O visual grunge, meio desarrumado, dá aos jovens ar de uma banda de rock *underground*, pronta para entrar em cena. [...] Além de capturar uma visualidade alternativa e um ar de revolta antissistema, eles adotam diversas táticas da esquerda, aliás como já “ensinara” Hitler em sua obra clássica. Criam uma *Mídia Ninja* de direita, baseada sobretudo em *trollagem*, memes e laceração; vão às ruas com bandeiras e sobem em caminhões. [...] Tal jogo de imitações e espelhamentos tem ar de farsa, de cópia descarada, feita por uma trupe mambembe [...] Mas o efeito que pretendem é esse: de se apresentar como uma vanguarda jovem (ou jovem guarda da nova direita radical), capaz de fazer diferença para mudar o curso da história e produzir muito material midiático para as redes sociais.

A disputa pelo espaço da rua é um reflexo das transformações sociais, econômicas e culturais que marcam as sociedades contemporâneas. A crescente polarização política, o surgimento de movimentos sociais e o uso das redes sociais

como ferramenta de mobilização são alguns elementos que contribuem para intensificar esse embate.

Deste modo, a direita ganha as ruas. Para entendermos melhor como o MBL colocou o “povo” em evidência mergulharemos no conceito de espaço e território de Milton Santos (1978). Para Santos (1978) espaço é, “um sistema de objetos e um sistema de ações, sendo que estes seriam um conjunto indissociável, solidário e também contraditório”. A partir dessa concepção podemos observar que o processo que levou a direita a incorporar algumas práticas da esquerda tem sua fundamentação na inconstância do espaço, influenciado pelas constantes transformações temporais.

Para Santos (1978), não existe conceito isolado. O que temos é um conjunto de fatos e acontecimentos que influenciam diretamente os acontecimentos futuros, nesse sentido observamos com nitidez a imersão da direita nos espaços da esquerda, o espaço é produto de relações humanas e tais relações moldam e definem o espaço de acordo com sua época histórica.

Baseado em tal concepção podemos compreender como e por que houve essa reconfiguração da direita, pois com a mutações das relações humanas nasceu a necessidade de se adequar a nova realidade, haja vista ser o homem o organizador dos espaços geográfico-sociais. Temos como exemplo as manifestações que deram origem ao movimento em prol do “*impeachment*” de Dilma Rousseff. A principal característica do movimento foi o aparecimento de uma vertente da sociedade nas ruas. Pessoas saíam de suas casas para participarem de atos no espaço público das praças e avenidas, especialmente integrantes das elites econômicas. Desse modo, podemos perceber que o espaço está condicionado e diretamente ligado à criação e organização humana.

Quando alcançou seu objetivo em 2016 e com medo de perder o protagonismo que conquistou, o MBL direcionou seus esforços à prisão do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lula fora preso em 07 de junho de 2018. Contudo, esse evento também não pôs fim a participação do MBL no cenário político da época.

O grupo surgiu em 2014, sempre acompanhado do slogan, “diga não à corrupção”. Conseguiu influenciar a construção política de várias pessoas nesse período, com aceitação e destaque na mídia. Logo despertou interesses de alguns partidos políticos, recebendo várias propostas de aliança. Com isso mais uma vez muda o foco dos esforços. Agora direcionado a candidatura de seus membros. Na primeira experiência como “partido” o MBL consegue que oito dos seus fossem eleitos, isso no ano de 2016:



Nas primeiras eleições que o MBL disputou, em 2016, nas quais foram eleitos oito políticos, o grupo havia lançado quarenta e cinco candidatos no total. Tais candidatos disputaram as eleições de 2016 pelos seguintes partidos: DEM, NOVO, PEN, PHS, PMDB, PP, PRB, PPS, PROS, PSB, PSC, PSDB, PTB, PTN e Solidariedade (Freitas, p. 03, 2018).

Efetivamente dentro da política partidária, o MBL que por toda a sua trajetória sempre defendeu os ideais liberais, busca eleger o maior número de membros possível. O que nos leva a perceber uma mistura entre conservadorismo e neoliberalismo. O que realmente deve ser colocado em destaque é o surgimento de uma direita que se coloca não como atuante partidária, mais sim como atuante enquanto movimento social de caráter neoliberal, radical e contestador.

### **2017-2018: MBL e as representações dos sindicatos no *Facebook***

Porém, os conflitos nas ruas espelham aqueles que ocorreram no mundo virtual. O crescimento do MBL como agente influenciador está ligado ao sucesso do *Facebook*, uma das redes sociais mais poderosas do mundo do período em tela. Criado por Mark Zuckerberg em 4 de fevereiro de 2004, o *Facebook* começou como plataforma para conectar estudantes universitários, permitindo troca de informações e interações. Inicialmente restrito à comunidade de Harvard, o site rapidamente se expandiu para outras universidades nos EUA e no Canadá. Em 2005, com milhões de usuários, começou a atrair investidores e a introduzir novos recursos, como grupos e páginas de fãs, que ampliaram sua popularidade. Um marco crucial ocorreu em 2006, quando o *Facebook* foi aberto ao público, permitindo que qualquer pessoa com um e-mail se cadastrasse. Essa mudança transformou a plataforma em uma rede social global, aumentando sua base de usuários.

Na segunda década do século XXI temos um grupo de jovens neoliberais neoconservadores que têm o desejo de mudar os rumos da política nacional, o MBL (Lohn, 2018). O grupo buscou através de postagens, moldar o pensamento de vários jovens, fazendo com que os mesmos tomassem partido e fizessem partir do projeto político que o grupo buscou alcançar. Nesse momento começamos a observar o surgimento de um agente político capaz de fazer uso do principal aliado de seu adversário, as ruas.

A rua é o palco do principal protagonista desse novo modelo político da direita alternativa mobilizando uma fração ativa da sociedade que se colocava contrária aos governos PT. Nas ruas essa parte da sociedade embasada nas ideais que iam contra o modelo de governança petista encontra o espaço perfeito para demonstrar seus anseios, seus medos e suas pretensões. Guiado por uma classe emergente de políticos é aqui que vemos o novo protagonista tomar posse, o MBL. Observando os rumos que a política tomara o movimento resolveu intensificar os atos que vinha promovendo com grande êxito. Sempre visando a derrubada da presidenta do Brasil, Dilma Rousseff.

Manuel Castells (2002), teoriza a era da informação como o momento atual da sociedade. Nesse momento histórico a base das relações se estabelece por meio da informação. Para o autor, estamos numa sociedade que é conectada, onde o conhecimento e a informação são valiosas. Castells (2022) acredita que a globalização e a informatização não só mudaram a economia, mas também transformaram a cultura, a política e a forma de nos relacionarmos. A Era da Informação representa transformação estrutural da sociedade contemporânea, impulsionada pelo avanço das tecnologias de comunicação. Nesse ínterim, as redes digitais emergem como meio de organização social, atualizando as formas hierárquicas tradicionais, gerando flexibilização das estruturas sociais e dos centros de poder.

A internet chegou ao Brasil em 1995, trazendo facilidades do mundo moderno. No entanto, essa modernidade só se aplicava às famílias mais abastadas. Com o passar dos anos e as constantes transformações tecnológicas, a acessibilidade cresceu consideravelmente tornando possível que pessoas com menor poder aquisitivo obtivesse acesso às novas formas de propagação de ideias. A política começou a fazer uso cada vez mais dessa ferramenta poderosa. Com isso o que vemos é a utilização cada vez maior pelos partidos políticos, em prol da divulgação de seus candidatos e programas político na rede.

As mídias digitais, sobretudo o *Facebook*, tem grande relevância nas transformações da cultura política. As pessoas estão cada vez mais conectadas e utilizam a grande rede em discussões acaloradas acerca da política. Todo tipo de conteúdo seja local ou global e todo e qualquer instrumento digital se transforma em “arma” nas mãos dos agentes que constituem o novo modelo de debate. O que temos não é mais um espectador apático, desanimado e inativo, mas sim um cidadão com poder nas mãos de criar e criticar ao mesmo tempo (Ferreira, 2017).

As mídias exercem tanta influência na vida política de determinado agente que são capazes de determinar os eventos. Remontando a 2013, temos como exemplo claro do poder que as postagens em redes sociais exercem as manifestações, onde cada ato, cada protesto era convocado por meio de postagens diretas em páginas como o MBL. As mídias sociais têm contribuído para reconfiguração da mobilização social. Redes sociais como *Facebook* tendem a construir uma nova forma de comunicação, tornando possível o alcance mais rápido e mais longe dos assuntos propostos (Ferreira, 2017).

**Imagem 2:** 12 de abril, uma manifestação pulverizada em tribos e movimentos



Figura 1 <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/04/12-de-abril-uma-manifestacao-pulverizada-em-tribos-e-movimentos.html>

A internet tem relevância para qualquer movimento, pois, tem poder de espalhar mensagens e tornar “viral” algo que na maioria das vezes passaria despercebido em um meio de comunicação tradicional. Ela se difere do tradicional em vários aspectos, no entanto o que mais chama atenção é o fato de ser pautada na liberdade, princípio também da democracia, se tornando muito importante na hora de inserir o cidadão nas grandes discussões da atualidade e tomadas de decisões para assim conseguir maiores mudanças sociais.

Podemos retomar 2015-2016 como exemplo. Em 12 de abril de 2015 movimentos deflagraram por todo o território brasileiro. Todos com mesma ênfase, dar sustentação ao golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. Nesse mesmo dia, o país foi

tomado por manifestações, sendo a da Avenida Paulista em São Paulo a que mais se destacou. A “Paulista” virou palco onde seu protagonista pode mostrar a insatisfação que sentia no momento, munido por um desejo de “justiça” exige o “impedimento” da então presidenta que estava a pouco mais de cem dias de seu segundo mandato. Mais uma vez a internet foi crucial na hora de organizar todo o movimento que culminou em um golpe jurídico, político e midiático.

A internet contribuiu para o aumento da percepção política em todo o mundo, formando novos pensantes. Criou ambiente proliferação de ideias, organização de eventos em grande escala e mobilização em prol de determinado ideal. Isso só é possível devido poder de disseminação que a internet pode proporcionar. É fato que atrás de uma tela de computador verdadeiras batalhas são travadas para defender um ponto de vista que em sua grande maioria não condiz com a própria realidade. Discussões acaloradas, discordância de ideias e um sentimento de dever que beira o fanatismo. Nas redes sociais a população encontrou o local para colocar para fora toda a sua indignação. Cabe ressaltar que na maioria das vezes o que vemos são pessoas que entram em conflito umas com as outras, influenciadas por agentes externos. Um claro exemplo é o próprio MBL.

As informações falsas são um grande problema na atualidade, pois através delas é possível transformar uma pessoa em algo que ela não é. Do ponto de vista político as notícias falsas têm um caráter especial, pois, tendem a ser direcionadas a um público alvo com intensão de promover ou destruir a imagem de alguém. Buscam também despertar sentimentos de apoio ou repulsa, o que explica as agressões, insultos e até mesmo ameaças em comentários feitos em postagens.

As *Fakes News*, ou notícias falsas, apesar de serem confundidas com a mentira ou a calúnia, possuem características específicas. Principalmente referente a sua definição, apesar de serem traduzidas como notícias falsas, elas vão além disso. “Raramente são pura invenção ou criação de informações sem respaldo. Em geral partem de concepções, crenças ou mitos presentes na sociedade, ou em parcelas que se deseja atingir para a construção de sua narrativa” (Reisdorfer, 2018, p.428). As *Fakes News* são espalhadas pelas redes sociais sem nenhuma fonte que possa atestar a sua veracidade, se fundamentam em temas que estão em evidência na sociedade e que geram discussões, principalmente nas camadas mais populares, principal classe atingidas pelas *Fakes*.

Atualmente um comentário pode gerar insultos e ofensas. Podemos perceber que, em linhas gerais, que uma pessoa é exposta a determinado tipo de discussão ela adota comportamento precipitado, retrucando e ao mesmo tempo encharcando sua própria rede social com diversas postagens que podem ou não condizer com a discussão em questão, o que contribui para a criação de uma falsa urgência fazendo nascer um consenso artificial.

Do ponto de vista político, as postagens são utilizadas para despertar o sentimento de dever em uns e de unidade em outros. Para a direita, sobretudo o MBL, as postagens significam uma forma de engajar mais pessoas junto às causas defendidas. Em uma das postagens intitulada “Manifesto por um Brasil Livre”, publicada em 2014, podemos perceber o sentimento que alguns nutrem em relação ao estabelecimento de um Estado “livre” de pessoas que se opõem ao modelo político que a classe em questão defende.

**Imagem 3:** *Manifesto por um Brasil livre (2014)*



<https://www.facebook.com/mbllivre/photos/a.204296283027856/272030822921068/?type=3>

Como podemos observar, a imagem representa um momento de compromisso social, pois envolve apelos emocionais à justiça e integração. Ela apela para estética patriótica que capturou as cores da bandeira como símbolos de seus ideais. Além disso, a interação nos comentários mostra que o novo movimento tem um bom nível de suporte. O que significa que a campanha poderá ter impacto nos jovens e em outros grupos da sociedade. Portanto, este exemplo demonstra que manifestos e comentários online podem ser usados para fomentar o debate e a ação sobre questões sociais.

O desconto obrigatório em folha do imposto sindical foi abolido pela Reforma Trabalhista de 2017 durante o governo do Presidente Michel Temer que assumiu a presidência após o golpe desfechado no ano anterior. A taxa sindical passou a ser facultativa e não mais, como antes, uma vez por ano. Depois dessa alteração o trabalhador que quiser contribuir com manutenção das ações sindicais deve manifestar sua vontade por escrito. Na postagem intitulada “CHORA, PELEGADA! A MAMATA SINDICAL ACABOU!” de 2018 o público alvo demonstra grande descontentamento com o modelo de funcionamento sindical. Comentários analisados refletem uma visão crítica e, muitas vezes, negativa sobre os sindicatos e suas funções.

Muitos usuários expressam desconfiança quanto à atuação dos sindicatos, mencionando que as contribuições não resultam em benefícios reais para os trabalhadores. Comentário como o de Sirlane Moreira ressalta experiências negativas, sugerindo que os sindicatos não oferecem contrapartidas adequadas.

**Imagem 4:** CHORA, PELEGADA! A MAMATA SINDICAL ACABOU! (2018)

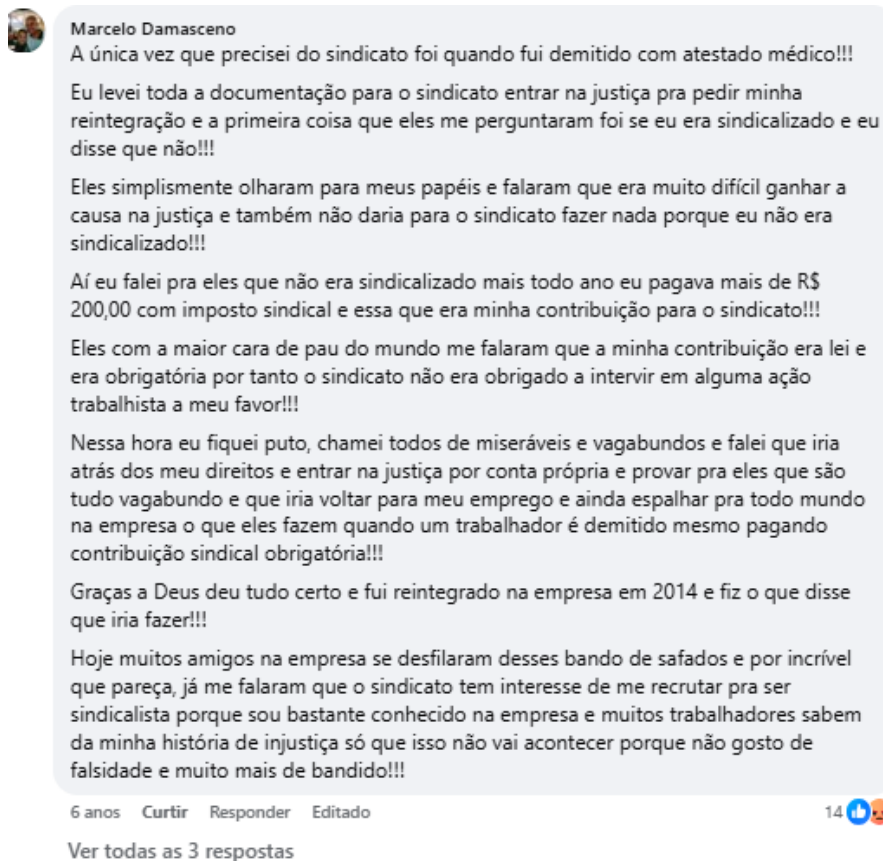




3<https://www.facebook.com/profile/100053205138052/search/?q=FIM%20DO%20IMPOSTO%20SINDICAL%20OBRIGATORIO>

A ideia de que a contribuição sindical deve ser opcional é uma preocupação recorrente. Várias pessoas defendem que os trabalhadores deveriam ter a liberdade de decidir se querem ou não contribuir para os sindicatos, como destacado por Sirlane Moreira. Há uma forte crítica à politização dos sindicatos, com muitos comentários apontando que eles se tornaram ferramentas de partidos políticos, especialmente de esquerda. Isso gera uma percepção de que os sindicatos estão mais preocupados em promover agendas políticas do que em defender os direitos dos trabalhadores.

**Imagem 5:** Comentário de Marcelo Damasceno (2018)



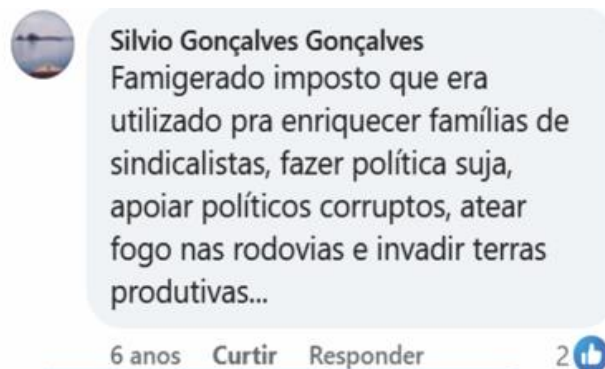
4<https://www.facebook.com/profile/100053205138052/search/?q=FIM%20DO%20IMPOSTO%20SINDICAL%20OBRIGATORIO>

Os relatos pessoais, como o de Marcelo Damasceno, enfatizam frustrações com a falta de apoio dos sindicatos em momentos críticos, como demissões. Essas experiências reforçam a ideia de que muitos trabalhadores não se sentem representados ou apoiados pelas entidades sindicais. A linguagem e o tom dos comentários muitas vezes expressam raiva e frustração. Termos como “sugadores do dinheiro” e “fábricas

de vagabundos” revelam um profundo descontentamento com a forma como os sindicatos operam e gerenciam os recursos dos trabalhadores.

Com os sindicatos, destacando a necessidade de uma reformulação em sua atuação e uma maior transparência em suas ações. Essa dinâmica reflete um momento em que muitos trabalhadores buscam alternativas que realmente atendam suas necessidades e interesses, longe das práticas tradicionais que consideram ineficazes.

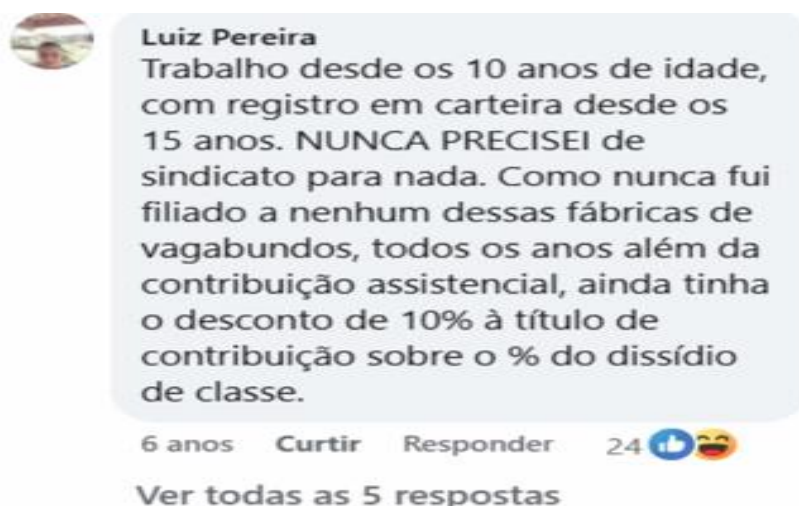
**Imagem 6:** Comentário de Sílvio Gonçalves Gonçalves (2018)



<https://www.facebook.com/profile/100053205138052/search/?q=FIM%20DO%20IMPOSTO%20SINDICAL%20OBRIGATORIO>

Como podemos observar no comentário de Sílvio Gonçalves é perceptível a insatisfação com o modo com que os sindicalistas conduzem as associações. A desconfiança generalizada tomou conta de uma grande parcela da sociedade. O comentário em questão remete diretamente a suposta corrupção e falta de compromisso com a classe. Isso se torna nítido quando o autor diz: “imposto que era utilizado pra enriquecer famílias e apoiar políticos”. Aqui evidenciamos o descontentamento representativo que o trabalhador nutre pelo sindicato e por seus dirigentes.

**Imagem 7:** Comentário de Luiz Pereira (2018)

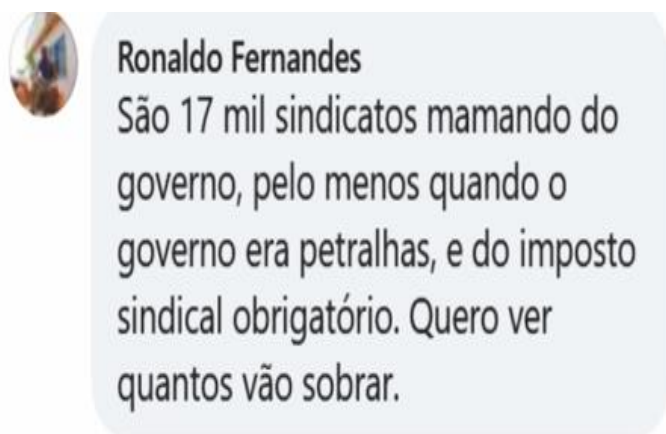




6<https://www.facebook.com/profile/100053205138052/search/?q=FIM%20DO%20IMPOSTO%20SINDICAL%20OBRIGATORIO>

Outro comentário que reflete bem essa questão é o de Luiz Pereira. O mesmo relata que começou a trabalhar, aos dez anos, e tinha registro em carteira aos quinze. Essa situação indica uma realidade do trabalho que é comum em muitas partes do Brasil, onde muitos jovens ingressam precocemente no mercado de trabalho. A afirmação de que “nunca precisei” do sindicato parece criticar a eficácia ou relevância das organizações sindicais em sua vida profissional. Podendo refletir, a partir dessa perspectiva, que os sindicatos não oferecem benefícios para todos os trabalhadores. Fala em um “desconto de 10% a título de contribuição sobre o % do dissídio de classe”, o que indica que foi obrigado a contribuir, embora supostamente não tivesse se beneficiado dos serviços do sindicato. Essa situação pode ser aqui interpretada como uma crítica à obrigatoriedade de contribuição do trabalhador ao sindicato; o tom do comentário parece refletir um descontentamento com a forma de atuação dos sindicatos. Talvez uma visão mais ampla de desencanto com as instituições que teriam que representar os interesses dos trabalhadores.

**Imagem 8:** Comentário de Ronaldo Fernandes (2018)



7<https://www.facebook.com/profile/100053205138052/search/?q=FIM%20DO%20IMPOSTO%20SINDICAL%20OBRIGATORIO>

Já Ronaldo Fernandes menciona “17 mil sindicatos”. O que mostra uma clara visão de que há um grande número de sindicatos. Essa crítica pode estar fundamentada na percepção de que muitos sindicatos seriam ineficazes, ou seja, não cumprem seu papel enquanto entidade representativa. Na expressão “Mamando do governo” podemos observar sua descrença nos sindicatos e a dependência que os mesmos têm dos recursos

públicos ou de favores do governo. Insinuando uma relação de clientelismo ou corrupção. Isso mostra também sua desconfiança em relação à administração pública e à administração dos recursos por parte dos sindicatos. Outro ponto que nos chama atenção é a utilização do termo “petralhas”. Fazendo referência a seguidores e simpatizantes do Partido dos Trabalhadores (PT).

Isso mostra que a crítica dele é específica, ligando os sindicatos à administração petista. Ronaldo Fernandes faz dura crítica ao imposto obrigatório. Essa obrigatoriedade foi um dos pontos altos do comentário, pois, como dissemos, depois das reformas de 2017 o imposto tornou-se opcional. Ao dizer “quero ver quantos vão ficar”, Ronaldo insinua que, caso não tivesse o apoio governamental nem o imposto sindical, muitos sindicatos não iriam conseguir continuar existindo. Isso remete à crença de que a viabilidade dos sindicatos depende destes dois fatores. O comentário se insere em um contexto em que as reformas trabalhistas que afetaram os sindicatos no Brasil também levaram muitos trabalhadores a questionar a efetividade e a transparência destes sindicatos. Essa crítica é típica de um ambiente em que não há confiança nas instituições.

Como já foi dito anteriormente, é fato que o *Facebook* tem sido utilizado como forma de engajar as pessoas. O intuito seria promover ações de cunho político e que os conceitos de direita e esquerda estão condicionados ao local e ao tempo ao qual estão inseridos. Assim, observa-se que o MBL tem modificado nos últimos anos, sobretudo, a partir de 2016, o teor de suas postagens buscando um maior alinhamento com as políticas sociais. Cabe ressaltar que o MBL surgiu, defendendo pautas de cunho neoliberal que se alinham com o pensamento político da direita.

No entanto, as demandas do tempo presente foi moldando a visão de mundo do Movimento Brasil Livre. Encabeçada pelas pautas de cunho social, o Movimento voltou seus olhares para as pautas que determinam os padrões de comportamento unificado, visto que em seu surgimento não havia uma preocupação com temáticas que trata de comportamento.

Essa característica do tempo presente foi progressivamente incorporada pelo MBL, que em seu início não se posicionou sobre as temáticas comportamentais, mas desde as campanhas municipais de 2016, o movimento passou, progressivamente, a porta-se de forma conservadora nestas questões, principalmente, na condenação do aborto (Freitas, p. 57, 2018).

Outro ponto que cabe ressaltar em relação ao posicionamento do MBL sobre a esquerda diz respeito ao lançamento de seus candidatos, pois, o discurso antipetista e

anticorrupção não são mais suficientes para manter o movimento no centro das atenções dos manifestantes. Como foi dito anteriormente, os padrões comportamentais mudam de acordo com o tempo. Isso influencia diretamente na conduta adotada por seus adeptos, contribuindo ainda mais para as tensões dentro do ambiente digital.

## **Considerações Finais**

Hoje do *Facebook* não tem mais o peso político que teve no período abordado em nossa pesquisa, sendo suplantado pelo *Instagram*, *X* (antigo Twitter), *TikTok* e *WhatsApp*. A empresa que o controla, *Meta*, tem registrado queda de usuários e das atividades e interações (O Globo, 2022). Contudo, as redes sociais continuam tendo papel relevante nos processos políticos nesse começo do século XXI. Além disso, o recorte situado entre 2013 e 2018 constitui uma “pré-história” da radicalização da violência política dentro e fora do mundo digital, como demonstram os eventos ocorridos durante o governo do presidente Jair Bolsonaro (2019-2022) e a tentativa de golpe do dia 8 de janeiro de 2023.

Desde o seu surgimento em 2013 e sua ascensão em 2014 o Movimento Brasil Livre tem participado ativamente da vida política brasileira. Surgiu em um contexto conturbado de revoltas e instabilidades, se destacou por seu ativismo neoconservador e neoliberal nas redes sociais, defendendo pautas como livre mercado e estado mínimo. Alinhado ao posicionamento político de direita ganhou destaque e visibilidade. Buscou incansavelmente o golpe no governo da presidenta Dilma. Através de postagens convocou vários protestos, mobilizou grande número de pessoas em prol das questões levantadas.

O ativismo político do MBL gerou movimentação no país, guiado por sentimento de insatisfação e revolta. Trouxe um questionamento acerca dos partidos políticos, sobretudo do Partido dos Trabalhadores. É possível perceber em conversações feitas em postagens na página do Movimento Brasil Livre a desconfiança que muitos nutrem acerca dos partidos de maior força política. Principalmente em momentos de grandes tensões, esse grupo se coloca em evidência quando analisamos situações em que o comentarista se apresenta na condição de avaliador do ser político, tendo como fator agravante a insatisfação com determinada atitude tomada pelo operador político.

Os comentários também nos mostram que há diferentes grupos dentro da mesma postagem, diferentes linhas de raciocínio e diferentes formas de posicionamento.

Podemos encontrar pessoas que se mostram favoráveis ao conteúdo postado, assim como também encontramos as pessoas de pensamento contrário.

A etnografia digital não é suficiente para demarcar e apontar com exatidão a posição política de todo um grupo, mas permite fazer uma estimativa e apontar possíveis direções que esse mesmo grupo tomou guiado sempre por um agente externo, como é o caso do MBL, que se colocou como agente influenciador e que conseguiu desempenhar com aproveitamento o papel proposto.

O método que norteou toda a pesquisa foi a etnografia digital que por sua vez, é um método propício para analisar o meio virtual em consonância com o meio físico. Sendo um método que contribui para a análise e o entendimento de como o meio digital pode impactar a dinâmica do mundo real. Oferecendo a possibilidade de percebermos como as pessoas encontram espaço e coragem para emitirem suas opiniões em meio às transformações políticas.

## Referências

AQUILES, Affonso Cardoso. **Estrutura sindical e mundo do trabalho**: alguns dilemas contemporâneos do sindicalismo brasileiro. *Perspectivas Sociais*, Pelotas, ano 1, n. 1, p. 4-15, mar. 2011.

ARANTES, Pedro Fiori et alii. Não vai ter golpe. In: **8/1 a rebelião dos manés ou esquerda e direita nos espelhos de Brasília**. São Paulo: Hedra, 2024.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura. In: **A sociedade em rede**. Vol. I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2002.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações** – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 23, n. 2, p. 75-122, 2018.

CHALOUB, Jorge. PERLATTO, Fernando. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retóricas e práticas políticas. **39º Encontro Anual da ANPOCS**. 2015.

DELGADO, Lucília. FERREIRA, Marieta. **História do tempo presente e ensino de História**. Revista História Hoje, v. 2, nº4, p. 19-34, 2003.

*FACEBOOK* teve a maior queda de valor de mercado da história. Entenda em seis pontos a origem da crise. **O Globo**, 04 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/facebook-teve-maior-queda-de->

[valor-de-mercado-da-historia-entenda-em-seis-pontos-origem-da-crise-25380342](#)  
Acesso em 6/8/2023.

FERRAZ, Cláudia Perreira. A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos em redes. **Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set. 2019.

FERREIRA, Ronaldo Araújo; RODRÍGUEZ, Crispulo Travieso; SANTO, Sarah Rúbia de Oliveira. **Comunicação e participação política no Facebook**: análise dos comentários em páginas de parlamentares brasileiros. João Pessoa: UFPB, 2017.

LOHN, Reinaldo. Guerras culturais, neoconservadorismo e o tempo presente. In: COELHO, Fabiano; LEITE, Eudes; PERLI, Fernando (Orgs.). **Guerras culturais, neoconservadorismo e o tempo presente**. São Paulo: Editora Alameda, 2018. [p. 157-176.]

MARTINS, Caio César Fonseca. O conceito de espaço sob a perspectiva miltoniana na geografia. Rio de Janeiro: Editora Realize, 2021.

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado** – Vol. 32, Nº 3, 2017.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. FERREIRA, Jorge. O lulismo e os governos do PT: ascensão e queda. In: DELGADO, Lucília de A. Neves (org.). **O Brasil Republicano: o tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016**. Quinta República (1985-2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

REISDORFER, Thiago. SCHMIDT, Diná. Universidade e Nova Direita: discursos de contestação à Universidade Federal da Integração Latino-americana (2007-2019). **Revista Tempos Históricos**. Vol. 26, n. 2 (2022).

THIAGO, Reisdorfer. Fake News em sala de aula: o ensino de história e informação no tempo presente. Mídias fontes e transversais. In: BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José (org.) **Aprendizagens Históricas: mídias, fontes e transversais**. União da Vitória/Rio de Janeiro: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens, 2018.

STEFANONI, Pablo. **A rebeldia tornou-se de direita?** Como o antiprogressismo e a anticorção política estão construindo um novo sentido comum (e por que a esquerda deveria levá-los a sério). Campinas: Editora da Unicamp, 2022 [*Introdução*].

SILVA, Ederson Duda da. As bases da nova direita: estudo de caso do Movimento Brasil Livre na cidade de São Paulo (2013-2016). **Conversas & Controvérsias**, v. 5, n. 1, p. 75-95, jan.-jun. 2018.

SAQUET, Marcos Aurélio; SILVA, Sueli Santos da. **Milton Santos**: concepções de geografia, espaço e território. Rio de Janeiro: Geo UERJ, 2008.

BOITO JR., Armando. O Sindicalismo de Estado no Brasil. In: BOITO JR., Armando. **O Sindicalismo na Política Brasileira**. Campinas: Editora do IFCH/Unicamp, 2005.

FREITAS, Osíres Vinicius Alves. **O Movimento Brasil Livre**. Araraquara: UNESP/Faculdade de Ciências e Letras, 2018.

### **Fontes**

**<https://www.facebook.com/share/WRgPLxTA6puqp4Av/>**

**<https://www.facebook.com/mblivre>**

**<https://www.brasildefato.com.br/2017/06/05/quais-sao-as-divisoes-no-campo-golpista>**